



**X COLÓQUIO
INTERNACIONAL**
"Educação e Contemporaneidade"
22 a 24 de Setembro de 2016
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

ESTIGMAS AO IDOSO: NOTAS DE UMA PERSQUISA DE CAMPO EM UMA ESCOLA PUBLICA DE VIÇOSA/MG

NÁDIA MAROTA MINÓ

EIXO: 21. MESTRADO PROFISSIONAL, PESQUISA APLICADA NO ENSINO E NA SALA DE AULA

Resumo Com este artigo buscou-se relatar as experiências de uma pesquisa de campo de mestrado, realizada em junho de 2015, em uma escola pública de Viçosa-MG. O objetivo da pesquisa é analisar as percepções de adolescentes sobre o processo de envelhecimento. Em termos metodológicos, utilizou-se entrevistas grupais. Os dados revelaram muitas percepções negativas sobre a velhice, como uma etapa de vida marcada por limitações, dependência, ociosidade, inutilidade e incapacidade, além de uma corporalidade decadente. Em termos gerais, a velhice é bastante estigmatizada pelos estudantes deste estudo, e isso talvez se deva a conhecimentos advindos do senso comum, bem como à falta de informação sobre o assunto. Almeja-se com esta pesquisa contribuir para a construção de diferentes teorias e ações que motivem as relações intergeracionais nas famílias, escolas e demais instâncias da sociedade.

Palavras-chave: educação, estigma, envelhecimento. **Abstract** With this article we tried to relate the experiences of a master's field survey, conducted in June 2015 in a public school in Viçosa-MG. The objective of the research is to analyze the perceptions of adolescents about the aging process. In terms of methodology, we used group interviews. The data revealed many negative perceptions of old age as a stage of life marked by limitations, dependence, idleness, uselessness and disability, plus a decadent corporeality. In general, old age is very stigmatized by the students of this study, and this may be due to knowledge derived from common sense as well as the lack of information on the subject. Aims with this research contribute to the construction of different theories and actions that motivate intergenerational relations in families, schools and other sectors of society. **Keywords:** education, stigma, aging.

Introdução Este trabalho traz uma análise sobre as percepções obtidas através dos relatos de experiência de uma pesquisa de mestrado realizada com adolescentes em uma escola pública de Viçosa/MG. O objetivo da pesquisa é refletir sobre as construções sociais de estigmas ligados a velhice. No decorrer da pesquisa, muitas foram às dificuldades encontradas, porém, o ambiente escolar nos proporcionou grande riqueza de detalhes, nem sempre são positivos, mas que nos trouxeram surpresa e nos possibilitaram observar as percepções que os adolescentes possuem em relação ao envelhecimento humano. A escola em questão situa-se em um bairro perto do centro da cidade, porém, esta próxima a uma comunidade periférica vista como problemática, composta por famílias de baixa renda e escolaridade, com grande concentração de pobreza, violência e tráfico de drogas. Nesse contexto, a escola atende, em sua maioria, crianças, adolescentes e jovens que convivem com cenas cotidianas de violência e discriminação. Considerando que o crescimento da população de idosos é rápido e que em breve serão a maioria. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE (2010) apontam que a população brasileira cresceu seis vezes nos últimos 50 anos, fruto do avanço da ciência, da medicina e da melhoria na qualidade de vida dos mesmos (IBGE, 2010). Paralelo ao crescimento da população de idosos há uma construção social negativa sobre a velhice, divulgada em piadas e diversas mídias, como propagandas e programas televisivos, filmes e internet. Essas pedagogias culturais[1] afirmam que ser velho é ser improdutivo, inativo e sem vida social, já que essa fase é marcada pela fragilidade e dependência física. No artigo "O velho na propaganda", Debert (2003) mostra como a mídia constrói uma imagem depreciativa sobre a velhice. Semelhantemente, no artigo Piadas de "mau gosto", Berzins e Mercadante (2012) discorrem sobre as piadas como mecanismos de disseminação de estigmas sobre as pessoas idosas. Isso acontece porque vivemos em uma sociedade capitalista que privilegia a força de trabalho e a juventude. Como os velhos não pertencem mais ao mercado de trabalho economicamente ativo e não correspondem aos modelos de beleza socialmente aceitos, são vistos como um grupo a parte, alvo de estigmas e preconceitos. Através dos estudos de Goffman (1975), que define o indivíduo estigmatizado como aquele que tem uma característica diferente da que a sociedade prevê, percebemos que ser estigmatizado sempre tem consequências não benéficas para a vida do indivíduo. Sua identidade sofre deteriorações por não se incluir no que a sociedade institui como normal e natural, gerando um descrédito deste indivíduo perante a sociedade, reduzindo-o a uma pessoa estranha que não tem uma aceitação social completa. Frente ao crescimento acelerado da população idosa, tornam-se necessárias reflexões sobre as ações e políticas públicas para atender a esse público. Camarano (1999) considera que a heterogeneidade desse segmento extrapola sua composição etária, exigindo que se formulem políticas públicas distintas. A variedade de envelhecimentos, que se dá, principalmente, por conta das diferentes trajetórias de vida. Os distintos envelhecimentos, que faz com que essa categoria seja polifônica e

plural, trazendo diversas implicações socioeconômicos. Embora essa fase da vida possua determinadas características físicas que a definem, a velhice se configura de forma heterogênea, pois existem muitos modos de envelhecer. Alguns idosos possuem vida bastante ativas, trabalham, cuidam de netos, mantêm financeiramente o lar e os filhos, fazem atividades físicas e possuem potencial cognitivo elevado. Outros, por sua vez, encontram-se acamados, com doenças crônicas e dependentes de cuidados diários e frequentes. Como descreve Camarano:

Está se falando aqui de um segmento que vivencia a última etapa da vida, composto tanto por pessoas com total autonomia, com capacidade de contribuir para o desenvolvimento econômico e social e que desempenham papéis importantes na família quanto por pessoas que não são capazes de lidar com as atividades básicas do cotidiano e sem nenhum rendimento próprio, ou seja, um grupo com necessidades bastante diferenciadas (CAMARANO, 1999, p.2).

Pensando na dicotomia de vivenciar situações em que idosos conseguem levar uma vida regada de aprendizado, lazer e sociabilidade em uma sociedade que estigmatiza esses mesmos idosos de diversas maneiras, buscamos, com esta pesquisa, refletir sobre as construções sociais dos estigmas ligados à velhice. Nesse processo, buscamos apreender representações sociais[2] de adolescentes sobre o envelhecimento, visto que nessa fase da vida as referências identitárias estão sendo construídas, e os grupos de referência exercem papel crucial na construção de seus referenciais de vida. Nesta perspectiva temos como objetivo principal analisar as percepções de adolescentes do 5º ao 9º ano do ensino fundamental sobre o processo de envelhecimento, identificando os mecanismos que possibilitam as construções sociais de estigmas sobre a velhice. Especificamente pretende-se:

- Verificar o que os adolescentes pensam sobre a velhice em termos da corporalidade, dos aspectos cognitivos e das relações intergeracionais.
- Investigar se os adolescentes contribuem, e de que maneira, para a manutenção do estigma da velhice.
- Identificar de que maneira professores e pedagogos interferem na valorização ou estigmatização dos velhos mediante a educação formal oferecida.

Metodologia O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres

Humanos (CEP) da Universidade Federal de Viçosa para avaliação, tendo sido aprovado sob o nº 1.139.709. Essa aprovação indica que o projeto atendeu a todas as exigências da Resolução 466/2016 que dispõe sobre os princípios éticos a serem considerados na pesquisa com seres humanos. O presente estudo foi realizado na cidade de Viçosa, localizada na região da Zona da Mata do Estado de Minas Gerais, em uma escola pública, a qual foi devidamente informada sobre a pesquisa. Nas turmas do 5º ao 9º ano, sendo um total de 181 alunos nas 5 turmas. O estudo foi desenvolvido com base na metodologia qualitativa, que considera o universos das percepções, significados e subjetividades. Para a coleta de informações relativas às percepções dos estudantes sobre a velhice, recorreu-se a entrevistas grupais, com o intuito de promover um debate sobre a temática com os estudantes. Para Gil (2012), as entrevistas grupais são formas de entrevistas, baseadas na comunicação e na interação. Seu principal objetivo é reunir informações detalhadas sobre um tópico específico, sugerido por um pesquisador, coordenador ou moderador do grupo. A partir de um grupo de participantes selecionados, busca-se colher elementos que possibilitam compreender percepções sobre um tema.

Essas entrevistas são muito utilizadas em estudos exploratórios, com o propósito de proporcionar melhor compreensão do problema, gerar hipóteses e fornecer elementos para a construção de instrumentos de coleta de dados. Mas também podem ser utilizados para investigar um tema em profundidade, como ocorre nas pesquisas designadas como qualitativas. (GIL, 2012, p. 114).

Na presente pesquisa foram feitos oito grupos, sendo cinco na escola pública e três na escola privada, buscando desvelar o que os adolescentes em estudo pensam sobre o envelhecimento e a participação dos idosos na sociedade. As falas foram estimuladas por meio da apresentação de imagens de idosos em diferentes situações como cadeirantes, acamados, namorando ou fazendo diferentes atividades como esportes, estudo, leitura, lazer, dança, recreação, jogos e uso do computador. As figuras utilizadas para os grupos, foram impressas e plastificadas para permitir que cada aluno pudesse manuseá-las enquanto faziam comentários sobre o que representavam para eles. Utilizamos um minigravador para registrar as reuniões em áudio, com autorização dos responsáveis pela escola. O áudio proporcionou o registro das falas dos participantes durante as discussões sobre o tema nos grupos focais. Foi utilizado também o caderno de campo para registrar os detalhes da pesquisa. A análise dos dados da presente

pesquisa foi ponderada na forma discursiva, pautando-se nos instrumentais da hermenêutica, preocupada com a questão da subjetividade e a compreensão dos significados localizados nos contextos culturais em que são produzidos (GEERTZ, 1989). Nesse processo, buscamos discutir os conceitos formados pelos adolescentes sobre o envelhecimento, que foram confrontados com a literatura que versa sobre o tema. **Resultados e discussão** Começamos nossa pesquisa no 5º ano com a apresentação de imagens de idosos em diferentes situações como: praticando esportes, estudando, tatuados, em situações de lazer com recreações e jogos, lendo para crianças, aprendendo a mexer no computador, cadeirantes, acamados e em abrigos. Observamos que os alunos estavam muito agitados e sem concentração, andavam de um lado para o outro e falavam muito alto, devido a isso não se importaram muito com as imagens que apresentávamos. Após serem questionados sobre as imagens repetiam freneticamente: Ah! Véio! Véia! Só Véio! A imagem que eles mais comentaram foi a do casal de idosos jogando vídeo game, depois sobre o casal tatuado e o casal beijando. Tamanho foi o espanto, que possivelmente eles não acreditavam que idosos pudessem exercer atividades como estas. As respostas às questões norteadoras foram diversas e muito negativas, a maioria considera o idoso, feio, inútil, ocioso, enrugado, barrigudo e corcunda. Uma menina no fundo da sala, que ficou quase o tempo todo com o rosto coberto com a blusa, deixando apenas os olhos de fora, disse assim: "ser velho é muito bom! Eu quero muito ser velha". Perguntamos por que e ela respondeu que ser velho é bom pois "pode ficar o tempo todo deitado, dormindo, sem fazer nada". Logo na primeira fase da pesquisa nos torna muito claro o quanto os idosos são estigmatizados e o quanto sua imagem é depreciada. "O termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo" (Goffman, 1975:13). Ainda segundo os estudos de Goffman (1975), estigmas são identidades deterioradas, construídas por ações sociais de forma pejorativa. Ao final do trabalho com essa turma, buscamos sugerir aos alunos que fizessem uma produção textual cujo tema seria as especificidades do envelhecimento humano, como dever de casa, mas no outro dia ao procurarmos ninguém havia feito. No sexto ano a reação dos alunos não foi diferente, alunos dispersos, inquietos e falantes, porém, quando partimos para as questões que norteariam a conversa, para nossa surpresa as respostas fluíram, e a maioria dos alunos

disseram que não queriam envelhecer, pois ser velho é feio, cheio de rugas, muxibento, que ficam barrigudos e corcundas. Bonito é o corpo sarado e jovem. Apenas um menino disse: "... não considero ninguém velho, acho que todo mundo pode ser jovem, porque todo mundo pode fazer o que quiser, desenvolver qualquer coisa com qualquer idade..." e uma outra menina relatou que " existem alguns idosos que não querem viver como a sociedade impõe, preferem ter uma vida ativa, fazer tatuagens, curtir a vida e com isso viver bem e feliz, que essas pessoas não envelhecem e fazem toda a diferença". Para Goffman (1975), quando pessoas ditas "normais" e estigmatizadas não interagem entre si, a reação da comunidade normal é discriminar o estigmatizado, com base na teoria de que se trata de uma pessoa estragada e diminuída. Portanto, observamos que a relação dessas crianças e adolescentes com os idosos não se dá de forma natural e harmoniosa. O sétimo, oitavo e nono anos a reação dos adolescentes foi também bastante parecida com as demais turmas. Após apresentar as imagens, perguntamos se queriam dizer algo sobre elas e permaneceram calados, partimos então para as perguntas norteadoras, as respostas mais uma vez negativas, apesar de falarem muito e não ouvir o colega, porém alguns alunos se destacaram com percepções muito interessantes sobre os idosos. Uma menina disse que existem alguns idosos que não querem viver como a sociedade impõe e que preferem ter uma vida ativa, fazer tatuagens, curtir a vida, estudar, passear e brincar com os netos, apesar do corpo envelhecido mantêm a cabeça jovem. Outro menino disse: "velho não faz nada, passa o dia jogando xadrez e sentado na beira da rua, eu preciso aprender a jogar xadrez pra quando eu ficar velho saber". Outro menino disse também que velho não faz nada e passa o dia vendo TV, fazendo tricô e lendo o jornal, que quase todos são chatos e rabugentos, porém, uma menina ao ouvir ficou nervosa e disse: "mentira! Minha avó é velha e faz tudo na casa dela, cozinha, cuida da casa, desce e varre o quintal, cuida de tudo, ela faz muita coisa, não é assim, viu! Velho faz as coisas sim". Outra disse: "ser velho é muito relativo, tem pessoas idosas que fazem muito mais coisas que eu, dançam, jogam bola, passeiam, viajam e são muito felizes". Observamos que a maioria das crianças e adolescentes de todas as turmas não sabe que se considera a pessoa idosa, a partir dos 60 anos, alguns disseram que basta ter cabelos brancos já pode ser considerado como idoso. Perguntamos as professoras de cada turma se trabalham com algum tema

que contribua para a valorização do idoso e apenas uma que leciona Religião disse ter trabalhado com as crianças a importância da intergeracionalidade, que pode ser uma troca de experiência favorável a ambos. Perguntamos também a Vice-diretora da escola se existe nos materiais didáticos algum assunto abordando a temática envelhecimento humano, ela foi categórica quando disse que não, que nunca tinha visto nada nos materiais. Como concluímos o idoso é visto por essas crianças e adolescentes de forma estigmatizada. Que em nossa sociedade, muitos grupos que fogem de um pretensa “normalidade”, comparado aos modelos de “beleza” e “perfeição” são estigmatizados, como as pessoas deficientes, as obesas e os velhos. E também que a escola pesquisada, assim como possivelmente existem outras, não trabalha de forma efetiva para diminuir os estigmas ligados ao envelhecimento, as crianças e adolescentes continuam reproduzindo com atitudes e palavras o que a sociedade repassa através dos tempos, não contribuindo para a quebra desse paradigma social. **Conclusão** Observamos que a maioria dos adolescentes participantes da pesquisa, consideram o corpo velho como algo feio, que o idoso quase sempre é “barrigudo” “enrugado” e “muxibento”, para eles o corpo bonito é o corpo sarado e jovem. Diante das respostas dadas pelos adolescentes, ficou evidente que a forma de pensar em relação à velhice é muito parecida a todos, que consideram que envelhecer é ruim e que não querem ser velhos, porque velho não faz nada e não tem energia para desenvolver qualquer atividade. Portanto, na concepção deles, envelhecer não pode ser bom. A escola pesquisada não usa de qualquer artifício para preparar seus alunos para lidar com o fenômeno do envelhecimento, no que tange o desenvolvimento de projetos e trabalhos que favoreçam a forma de pensar e agir dos seus estudantes em detrimento a extinção de estigmas ligados ao envelhecimento humano. Apenas uma professora manifestou interesse pela temática e disse repassar a importância de uma boa convivência com os idosos para seus alunos, destacando a importância da troca intergeracional que pode beneficiar ambos. Assim como a sociedade estigmatiza o idoso, o adolescente da escola investigada também o faz, endossando o discurso pejorativo que envolve esta fase da vida. Elas parecem desconhecer que existem idosos que descobriram seu lugar no mundo e se reinventam permanentemente influenciando gerações, transformando o comportamento e os valores, tornando a vida mais leve e a sexualidade mais livre e

prazerosa. Esses idosos preferem viver ativamente e manter suas relações sociais, suas amizades, suas viagens, leituras, estudos, atividades físicas e de lazer, com isso acompanham as mudanças da sociedade, estando sempre bem informados. Esses idosos que merecem o respeito por serem humanos como qualquer outro, além de serem grandes detentores de conhecimento por conta dos anos e das diferentes etapas vividas. Assim, são uma companhia valorosa, que podem aprender, mas que tem um potencial gigante para ensinar. Cabe às autoridades ligadas à educação criar subsídios, políticas públicas e materiais didáticos voltados para se trabalhar nas escolas a importância da valorização do idoso, assim como já vem trabalhando questões de gênero, etnia, enfim a prevenção de preconceitos como um todo. Nesse processo, mostrar a importância da diversidade que configura como uma oportunidade para se relacionar e aprender com alguém que é diferente de si. Nesse sentido, as escolas podem fazer um excelente trabalho sobre as relações intergeracionais, motivando o contato, o convívio e a aprendizagem entre as gerações.

[1] As "pedagogias culturais" são os mecanismos pelos quais a cultura, de diferentes formas, naturaliza algo que é construído socialmente, como a "beleza", a "feiura", os estigmas etc. Conforme Brisolla e Brisolla (2010, p.1 e 2) "A pedagogia cultural proclama a necessidade de incorporar objetos de pesquisa, no campo educacional, externas ao processo escolar. Por conseguinte, é importante considerar que existe um currículo além das fronteiras da escola, constituído por artefatos culturais que estão imbricados na vida cotidiana".

[2] Segundo Pereira de Sá (2002), representações sociais são mitos, crenças e senso comum que formam um conjunto de conceitos, proposições e explicações advindos da vida cotidiana durante as comunicações entre pessoas.

Referências BERZINS, M. V.; MERCADANTE, E. F. Piadas de "mau gosto" sobre pessoas idosas: a disseminação do preconceito à velhice. **A Terceira Idade**. Volume 23, Número 54, Julho 2012, p. 7-18. BRISOLLA, L. S.; BRISOLLA, M. R. S. **Pedagogia Cultural e Cinema: análise crítica do filme "Nenhum a Menos" sob a perspectiva dos Estudos Culturais**. 2010: p.1e 2.

Disponível em:

http://
www.
ucg.br

/ucg/ser/ArquivosUpload/1/file/Artigos/pdf/pedagogia_cultural.pdf

Acesso em 26/MAR/2015. CAMARANO, A. A.; MEDEIROS, M. Introdução. In: CAMARANO, A. A. (Org.). **Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros**. Rio de Janeiro: IPEA, dez. 1999. DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: EDUSP, 1999. GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989. GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2012. GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes (Trad.). Rio de Janeiro: LTC, 1975. IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. **Senso 2010**.

Disponível em:

<<http://>

www.

[ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)

> Acesso em 19/OUT/2014. PEREIRA DE SÁ, C. **Núcleo central das representações sociais**. 2 ed., Petrópolis: Vozes, 2002.

*Nádia Marota Minó, Pedagoga pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) 2013. Mestre pelo Programa de Pós Graduação em economia Doméstica da UFV (2016). Doutoranda pelo Programa de Pós Graduação em Economia Doméstica da UFV. Voluntária do Projeto de Extensão: Esta Ruga Tem História: Envelhecimento, Memória e Transmissão de Saberes, no Programa Municipal da Terceira Idade (PMTI) por 3 anos. E-mail: nadiamino@gmail.com

Recebido em: 05/08/2016

Aprovado em: 05/08/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: